Na Madeira, entre 1994 e 2000, o insucesso escolar penalizou mais os rapazes do que as raparigas ao nível da escolaridade obrigatória. As taxas de retenção duplicam as do sexo feminino, revela um tese de doutoramento apresentada em Fevereiro na UMa.

O estudo faz o diagnóstico da situação e apresenta sugestões para a mudança. Traça o perfil dos denominados 'filhos do insucesso', as suas vivências, modos de pensar e espectativas quanto ao futuro.

TEXTO

A grande diferença entre o sucesso e o insucesso escolar é marcada pelos trabalhos de casa. A situação de repetência, falta às aulas e mau comportamento é muito mais masculina que feminina. Estas são algumas das conclusões da tese de doutoramento a “Problemática do Insucesso Escolar no Arquipélago da Madeira (1994-2000), apresentada em Fevereiro na Universidade da Madeira (UMa).

O estudo, da responsabilidade de Alice Mendonça, professora da UMa, analisa o insucesso escolar no arquipélago, partindo de cada um dos concelhos e em particular Câmara de Lobos e São Vicente, onde o problema assumia “contornos mais gravosos. As taxas mais elevadas destacavam-se do total regional e foi neles que se realizaram as entrevistas aos jovens ”, revela a investigadora.

À partida foi possível apurar que em 1991 a taxa mais baixa de analfabetismo se situava no Funchal, com 9,4% (dois sexos), decrescendo em 2001 para os 8,4%. Em relação aos mesmos anos a Ribeira Brava registava o número mais elevado, 28,5%, baixando para 21%. São Vicente atingia 23,6% em 1991 e 22,3% em 2001, uma década quase sem evolução. Câmara de Lobos registava 18% de insucesso (1991), diminuindo dez anos depois para 9,5%.

As primeiras análises revelam a redução de alunos neste período, consequência da quebra da taxa de fecundidade, uma situação “comum a todo o território português”. As matrículas no 1º e no 2º ciclos mostram “a influência das relações de masculinidade, ou seja o número de rapazes é superior ao das raparigas, uma questão que se esbate no 3º ciclo, o que significa que eles ficaram pelo caminho. O insucesso penalizou-os na escolaridade obrigatória e as taxas de retenção duplicam as do sexo feminino. Esta situação verifica-se em todos os ciclos e concelhos”, revela a investigadora.

A pesquisa exigiu o contacto com os alunos, um processo que “não foi pacífico, atendendo a que habitualmente não falam com quem desconhecem e porque a sua situação na escola é precária. São o que denomino de 'filhos do insucesso' ”.

O problema foi ultrapassado com apoio dos directores de turma e, “através das entrevistas, ficamos a conhecer as suas vivências, os modos de pensar, as expectativas para o futuro”, sem que possam ser generalizados para o todo regional, ressalva.

“O Funchal ou Santa Cruz apresentam realidades diferentes. Nestes concelhos o sucesso é mais elevado. Os progenitores têm mais habilitações e há mais acesso a bens de cultura.”

O estudo permitiu traçar o perfil dos alunos com insucesso, apesar de residirem em dois espaços distintos: “Advêm de agregados familiares extensos, com sinais de precariedade, que vivem quase exclusivamente da agricultura. Apesar de terem complementos, consideram esta actividade importante para a subsistência da família. Por isso os jovens acompanham, desde cedo, os pais nestas tarefas.”

Neste contexto a escola adquire “um estatuto de inferioridade pela inutilidade com que se apresenta. Os pais questionam: 'Estudar para quê? Não dá de comer a ninguém'”.

Em termos de conforto “não têm máquina de lavar loiça, nem computador, mas todos os membros do agregado possuem telemóvel”. Entre os rapazes e raparigas há diferenças. “Elas trabalham mais. Fazem tarefas no campo, como os rapazes, e emparceiram com as mães nas lides domésticas”.

Outro ponto comum: A escolaridade dos progenitores é muito reduzida. “Em alguns casos passa mesmo pelo analfabetismo. Quase todos os alunos entrevistados têm irmãos mais velhos e quase todos abandonaram a escola. É um cenário que se repete desde os avós.

Tal como a nível nacional, as desigualdades culturais face à escola são mais acentuadas quanto mais baixo é o nível de escolaridade dos pais. Não existem hábitos de leitura. Lêem o jornal ou folheiam para ver os resultados de futebol.”

Há uma ruptura entre os dois mundos: o familiar rural e o escolar que se faz sentir logo no 1º ciclo com as reprovações. “Todos reprovaram com excepção de uma aluna que frequentou o ensino pré-escolar, o que parece indicar que o seu alargamento surte efeito.”

As reprovações também se sentem ao nível das transições de ciclo. “São em maior número quando transitam do 1º para o 2º ciclo e do 2º para o 3º. “Conseguimos apurar que nestes casos há uma deslocação dos alunos para as sedes de concelho, o que lhes dá uma margem de liberdade que não tinham, pois estavam controlados na comunidade de vizinhança. Começam a descobrir, um café, uma máquina de jogos, as raparigas (no caso dos rapazes). A assiduidade não incomoda muito os pais que só vão à escola no acto da matrícula. No caso dos alunos inquiridos, os encarregados de educação, são as mães. A sua acção a nível escolar fica no papel”.

O estudo revela também que os pais abandonaram a escola e se a frequentaram não têm boas recordações. “Para eles é destituída de qualquer saber. Infelizmente, não se pode mudar mentalidades por decreto, nem com a rapidez que desejaríamos.”

Os pais de Boaventura consideram que após a aprendizagem das competências básicas é preferível trabalhar. “Não têm expectativas em relação ao sistema educacional. Há a inculcação de um destino social que foi pré-determinado. Estudar não faz parte dos hábitos”.

Os alunos respondem que “têm falta de tempo, mas é também desmotivação, desinteresse, ausência de ajuda na realização dos trabalhos de casa, uma questão que a escola não consegue resolver”.

Alice Mendonça considera que a grande diferença entre o sucesso e o insucesso é marcada pelos trabalhos de casa. “Há alunos que conseguem fazê-los por inúmeras razões: Ou porque os pais têm conhecimentos ou, se não têm, possuem poder económico e recorrem aos explicadores. Depois, há os outros, cujos pais não têm conhecimentos, nem disponibilidade económica.”

A tese permitiu constatar outra realidade. “Os alunos de Câmara de Lobos e de São Vicente detêm muitos conhecimentos acerca do quotidiano que não são rentabilizados pela escola. Esta torna inútil o que para eles é útil e considera útil o que para eles não é. Há uma grande discrepância entre o que se faz na escola e o seu mundo, o mundo rural, do trabalho, a família, a própria comunidade onde se inserem. Todos estes aspectos agravam o quadro de desinteresse e exclusão face à escola”, alerta a professora.

Para além destes problemas os jovens auto-excluem-se. Criam estratégias defensivas. “Falam dos colegas que têm sucesso como os 'betos '. Definem-os como os que se vestem de forma diferente, os que dizem 'sim' a tudo o que o professor pede, que fazem sempre os trabalhos de casa. Os 'betos' são o contrário deles.”

A auto-exclusão leva a posturas diferentes. A afronta que fazem aos professores “é uma forma de se afirmarem e de aumentarem a autoestima perante a comunidade escolar. Revelam que quando um vai para a rua o outro faz barulho para sair também. E arranjam outras estratégias. Um deles referiu que se inscreveu num clube de futebol para não trabalhar na fazenda”.

Preferem a escola, não porque gostem de estudar, nem porque seja um lugar de aprendizagem, mas porque estão com os amigos, porque “é giro”.

A investigação apurou a ausência de regras em casa. “Deitam-se tardíssimo e levantam-se muito cedo para conseguirem apanhar os transportes e não têm tempo para tomar o pequeno almoço em casa.”

O absentismo, que praticamente não existe no 1º ciclo, “dispara à medida que progridem. Faltam muito às aulas no 3.º ciclo”. As reprovações não os preocupam muito, porque acontecem em grupo “e aceitam como algo natural

que os vai catapultar para o mundo que do trabalho. Querem o acesso a roupas, frequentar determinados locais, ter o telemóvel e aproveitam para fazer 'biscates' ao fim de semana. Digamos que é uma pseudomaturidade. Ganham dinheiro e no seio da família adquirem mais prestígio porque contribuem para o rendimento familiar".

Quanto à hipótese de emigrar há diferenças entre os dois concelhos. Os jovens de Câmara de Lobos não referem a emigração. Os rapazes pensam na construção civil ou no trabalho em bares. Em São Vicente, quase todos os inquiridos têm irmãos em Inglaterra e prevêem emigrar. Quanto a trabalho de fins de semana, os rapazes optam pela construção civil e as raparigas por restaurantes e bares. O sonho, além da emigração, é a deslocação para o Funchal."

Alice Mendonça diz que o resultado não é típico da Madeira. Estudos realizados nos concelhos rurais, a nível nacional, apontam estes factores. Excluem a actividade agrícola como futuro pela incerteza dos rendimentos.

Em termos globais, o insucesso é maior no sexo masculino. "Numa das escolas estava afixado um quadro de honra com fotografias dos melhores alunos. Em quinze existiam 3 rapazes."

Há varias correntes que explicam os diferentes desempenhos, diz a investigadora. Algumas baseiam-se em factores genéticos e consideram que "os elevados níveis de testosterona são responsáveis pelos problemas comportamentais que os rapazes evidenciam. Actualmente, em quase todo o mundo, estão a adquirir desempenhos inferiores. Não podemos imputar o insucesso masculino só aos factores sociais e familiares. Os rapazes têm níveis de concentração mais reduzidos e esta conjugação de factores torna-os por vezes agressivos, frustrados, mal comportados. As raparigas conseguem controlar melhor as suas reacções".

Na sua perspectiva, as escolas estão mais vocacionadas para o sexo feminino, que corresponde às expectativas dos professores. As raparigas procuram os lugares da frente, aguardam a saída do professor para tirarem dúvidas.

A influência do meio é evidente. "Os rapazes rivalizam entre si, tendem a entrar precocemente no mundo do trabalho. A própria sociedade estabelece estereótipos masculinos: o rapaz detém a força, deve ser o chefe da família e prover ao seu sustento. Então, tendem a abandonar o sistema de ensino e a desinteressar-se. A situação de repetência e de falta às aulas é muito mais masculina que feminina. As raparigas só começam a faltar a partir do 7 º ano de escolaridade, enquanto alguns rapazes começam no Ensino Primário".

São perfis, vivências, espectativas diferentes. "As raparigas ambicionam fazer o 9º ano, mas eles não. Dividem o seu tempo entre os 'biscates' e a escola sem aproveitamento. Os interesses são outros, nomeadamente as tecnologias. Todos os rapazes disseram que tinham um telemóvel ou pretendiam ter. É um bem essencial."

A questão do computador também é equacionada por todos. “Querem trabalhar para comprá-lo. As raparigas não. A ambicionam ter um automóvel que é sinonimo de ascensão social”.

Apesar de ter utilizado fontes quantificáveis Alice Mendonça diz que o insucesso assume muitas formas. É também abandono escolar, é ter dificuldades de adaptação, é não conseguir integrar-se no mundo do trabalho. “Há insucesso oculto e pode também ser parcial”.

O problema é complexo e pode ser entendido, segundo a professora, se analisarmos as políticas educativas ao longo do tempo. “O analfabetismo foi sempre muito elevado na ilha. As escolas abriram mais tarde do que no continente. O Ensino Secundário centrava-se no Funchal e só muito mais tarde se estendeu a São Vicente e a Machico, em colégios. Só quem tinha poder económico é que acedia aos estudos secundários”

A população madeirense ficou marcada “por um obscurantismo cultural, afastada de todos os meios de difusão”. Como exemplo, refere a primeira transmissão televisiva, que se verificou em 1972, quanto no continente já acontecia desde 1957. “Podemos extrapolar para outras áreas, como o teatro, o cinema...Tudo o que é suposto fazer parte dos padrões de conforto numa habitação sofreu uma explosão na última década.”

Em relação ao ensino as conquistas também são recentes. “A partir anos 70 foi alargado a todos os estratos sociais e houve uma grande luta contra o analfabetismo. Mas, só com o processo autonómico se assistiu a grandes investimentos e se efectivou a oferta escolar pela ilha, a implementação gradual do Ensino Secundário. Antes estávamos perante populações analfabetas, cuja preocupação eram as subsistências.”

Alice Mendonça ressalva que a Região foi a primeira a criar, com carácter obrigatório, a educação pré-escolar. Como inovação refere ainda a existência de duas educadoras por sala e a abertura de escolas em regime de tempo inteiro.

Durante o período estudado, a pesquisa detectou um aumento das habilitações em todos os concelhos. “Penso que pela abertura da Universidade da Madeira e também pela procura de mais habilitações para ingresso no sector terciário. Houve uma procura social de títulos escolares em todos os níveis de ensino.”

Contribuem para este aumento muitos jovens integrados em currículos alternativos aos do 3º ciclo Ensino Básico regular ou recorrente. “Um decreto legislativo regional determina que os conteúdos devem ser flexíveis e integrar componentes regionais. Muitos alunos que ficavam pelo caminho conseguiram ter sucesso, nomeadamente em São Vicente.”

Mas, estes currículos - alerta - apesar de resolverem o insucesso apresentam “uma lacuna. Enfatizam demasiado a vertente tecnológica e profissional e deixam-os funcionalmente analfabetos. Há que reestruturá-los. Os alunos

aprendem a desempenhar tarefas manuais, mas não têm contacto com a cultura letrada".

Considera que o regime de escolas a tempo inteiro é uma boa medida. "O mais importante é os alunos poderem ser acompanhados nos seus estudos, nos trabalhos de casa".

Para combater o insucesso aponta medidas. "Não basta existir o regime pré-escolar. O número de alunos por turma devia ser reduzido. O mesmo devia acontecer aos programas. "Os professores estão numa corrida contra o tempo, em todas as disciplinas, para cumpri-los e os alunos têm dificuldades de acompanhar."

Coloca a questão do trabalho de casa. "Somos o país da Europa onde eles são mais pedidos e o que tem mais insucesso." Não defende o seu fim, "mas algum cuidado na marcação. Os pais não conseguem escoá-los... Os fins de semana, que deveriam ser um espaço familiar, são de estudo. Devia existir uma disciplina destinada a estes trabalhos"

Atendendo aos jovens que entrevistou, considera que "os pais estão alheados de qualquer actividade escolar. Estes alunos precisam, não de um director de turma, porque hoje ele é um burocrata, mas de um professor tutor, de alguém que os acompanhe e aconselhe".

Na sua perspectiva, o país e a Madeira atravessam "um profundo défice cultural, onde o poder económico é o valor dominante e dificilmente as populações conseguirão valorizar, a curto prazo, a instituição escolar". Defende que uma política contra o insucesso não se pode constituir com dispositivos isolados, mas concertadas "e raramente produzem efeitos na primeira década. A nossa esperança é que estes alunos, quando forem pais, incutam nos filhos a valorização escolar que os seus progenitores não conseguiram", conclui.